

MANDARIN CINEMA E FOZ APRESENTAM

ROMAIN DURIS ANAÏS DEMOUSTIER



DONOSTIA ZINEMALDIA
FESTIVAL DE SAN SEBASTIAN
INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

VENCEDOR - MELHOR FILME



tiff. toronto
international
film festival®

Seleção Oficial



CÉSAR
Nomeado para
Melhor Actor

UMA NOVA AMIGA

UM FILME DE
FRANÇOIS OZON

DOSSIER DE IMPRENSA



MANDARIN CINÉMA E FOZ APRESENTAM



VENCEDOR - MELHOR FILME



UMA NOVA AMIGA

UM FILME DE
FRANÇOIS OZON

ROMAIN DURIS

ANAÏS DEMOUSTIER

RAPHAËL PERSONNAZ

NOS CINEMAS A 26 DE MAIO

DISTRIBUIÇÃO **LEOPARDO FILMES**

Sinopse

Após o falecimento da sua melhor amiga, Claire entra numa profunda depressão, mas uma surpreendente descoberta acerca do marido da sua amiga irá devolver-lhe o gosto de viver.





Entrevista com François Ozon

De onde veio a ideia para UMA NOVA AMIGA?

O filme é livremente inspirado num conto de Ruth Rendell, “The New Girlfriend”, uma história de quinze páginas no espírito da série televisiva “Hitchcock apresenta”: uma mulher descobre que o marido da sua amiga traveste-se às escondidas. Ele torna-se a sua nova amiga, mas assim que ele lhe declara a sua paixão e tenta fazer amor com ela, ela mata-o. Eu tinha lido este conto na altura de *Une Robe d’Été*, há cerca de vinte anos, e tinha escrito uma adaptação muito fiel para uma curta-metragem, mas não tinha encontrado financiamento, nem o elenco ideal, por isso tinha abandonado este projecto.

Pensava naquela história que me assombrava com frequência, e dei-me conta de que os grandes filmes sobre o travestismo que eu gostava eram aqueles onde a personagem se travestia à partida não por um desejo pessoal mas por uma contingência exterior: músicos perseguidos pela máfia obrigados a disfarçarem-se de mulheres em *Quanto Mais Quente Melhor*, um actor no desemprego que se torna actriz para um papel em *Tootsie - Quando Ele Era Ela* ou uma outra actriz em dificuldades financeiras em *Victor/Victoria...* Estas circunstâncias exteriores permitem aos espectadores identificarem-se

com as personagens e desfrutar do travestismo sem culpa ou desconforto. Billy Wilder era para mim a referência perfeita para tratar tal tema. Excepto que, no caso desta história, a personagem tinha já dentro dela este desejo, antes mesmo de passar à prática.

De onde vem a ideia do luto para permitir ao espectador identificar-se mesmo assim com David/ Virginia?

Esta ideia do luto, que não existia no conto, permite ao espectador e à Claire compreender o comportamento do David antes de aceitá-lo. Daí a importância do flash back com a cena na qual o David consegue acalmar e alimentar o seu bebé graças ao cheiro da blusa da mulher morta. Tive esta ideia graças a uma conversa com Chantal Poupaud, que realizou *Crossdresser*, um documentário sobre as pessoas transgénero (apaixonante o ritual concreto da transformação: depilar-se, maquilhar-se, esconder a barba...). Ela conhece muito bem este meio, e por isso pedi-lhe para me falar sobre os travestis que ela conhecia e ela falou-me de um deles, a esposa estava muito doente, sabia que ia morrer e tinha optado por desaparecer da vida do seu marido. Para fazê-la viver, ele tinha decidido vestir-se com as roupas dela regularmente. Esta ideia fascinou-me e preocupou-me de imediato.

Tinha encontrado finalmente a chave para poder adaptar e escrever a minha história.

[...]

No início do filme, com alguns recursos visuais muito fortes, acompanha vinte anos de vida...

Isto era importante para a identificação das personagens. No argumento, tinha escrito uma *voz off* explicativa mas, durante a rodagem, tentei contar e visualizar o máximo de coisas através dos movimentos de câmara e da montagem, a *voz off* já não era necessária. Considerando as etapas da vida – a infância, a amizade, o casamento, o nascimento de uma criança, a doença, a morte – o risco era cair no *kitsch*, era preciso encontrar a distância certa para criar emoção.

UMA NOVA AMIGA situa-se num espaço pouco definido geograficamente.

Alguns dos meus filmes são ancorados numa realidade muito precisa e documentada. Outros criam o seu próprio mundo, como *8 Mulheres*, *Dentro de Casa* ou *Uma Nova Amiga*. A minha ideia era encontrar a dimensão universal e intemporal dos contos de fadas, género presente desde o início do filme com o cadáver de Laura no seu caixão, e no fim quando Virginia acorda tal como *La belle au bois dormant*.



Como foi feita a escolha de Romain Duris?

Eu vi vários actores, com os quais fiz testes de maquilhagem e de perucas, para ver quais os que se pareciam mais com uma mulher, se isso funcionava. Era um meio de testar o seu desejo de feminilidade. O Romain destacou-se, não por ser “a mulher mais bonita”, mas porque provinha dele uma grande alegria em travestir-se. Era evidente uma encarnação, um prazer fetichista de vestir os vestidos, sem ironia ou distância. Já tinha reparado na sua forma graciosa e lúdica de cantar a canção de *Lola*, de Jacques Demy, em *17 Fois Cécile Cassard*, de Christophe Honoré. O seu desejo pelo papel de David/Virginia era de tal forma forte que a escolha tornou-se evidente para mim.



E a escolha de Anaïs Demoustier?

A Claire é uma personagem complicada a partir da qual todos nós seguimos o seu ponto de vista, mas que é acima de tudo espectadora da metamorfose de David/Virginia. Ela tem poucas falas, é sobretudo a partir do seu rosto que seguimos a sua evolução: os seus desejos, os medos e as suas mentiras a Gilles, mas também a si própria.

Vi muitas atrizes para este papel, mas cheguei rapidamente à conclusão de que a Anaïs era a mais interessante para filmar na posição de observadora. Passa-se sempre qualquer coisa no seu rosto, nos seus olhos, e nos ensaios com o Romain, ela afirmou-se definitivamente.

Para o filme, pedi-lhe para mudar a sua cor de cabelo. Para mim, ela tem um verdadeiro tom ruivo, eu tinha que colocar em evidência as suas sardas de ruiva e glorificá-las.

Por exemplo, com Pascal Marti, o director de fotografia, trabalhamos muito com cores outonais. O ruivo inscrevia-se portanto completamente nesta lógica cromática.



E a escolha de Raphaël Personnaz?

Eu tinha-o encontrado para o papel de Virginia. A priori, fisicamente, podemos imaginá-lo mais facilmente como mulher do que o Romain, mas no final não funcionava. Quando lhe telefonei para lhe dizer que não o tinha escolhido para o papel de Virginia mas que por outro lado queria propor-lhe o papel de Gilles, ele respondeu-me logo: “Genial, eu prefiro o Gilles, não me sentia à vontade no outro papel!”

[...]

*A única vez que eles fazem amor, a Claire rejeita o David:
“Tu és um homem...”*

Esta frase faz, literalmente, quase sorrir. A Claire está perdida, ela sabe bem que não se está a deitar com uma mulher, mas tinha quase esquecido isso, e aquele momento sexual trá-la de volta à realidade, um pouco como no conto. Excepto que a personagem da Ruth Rendell mata quando se dá conta dos pelos de homem que a repugnam. Aqui, é como se a Claire matasse a Virginia ao rejeitá-la, mas de uma forma simbólica e acidental. E a sua rejeição é apenas uma etapa do seu percurso. De seguida, ela fá-la-á reviver, ao aceitá-la tal como é, e ao reconhecer que se tornou ela própria mulher graças a Virginia. De uma certa forma, a Claire ressuscita a Virginia – aquilo que não conseguiu fazer com Laura.



Filmografia seleccionada François Ozon

- 2014 UMA NOVA AMIGA
- 2013 JOVEM E BELA
- 2012 DENTRO DE CASA
- 2010 POTICHE – MINHA RICA MULHERZINHA
- 2009 RICKY
- 2007 ANGEL – ENCANTO E SEDUÇÃO
- 2006 UN LEVER DE RIDEAU
- 2005 O TEMPO QUE RESTA
- 2004 5X2: CINCO VEZES DOIS
- 2003 SWIMMING POOL
- 2002 8 MULHERES
- 2001 SOB A AREIA
- 2000 GOTAS DE ÁGUA SOBRE PEDRAS ESCALDANTES
- 1999 LES AMANTS CRIMINELS
- 1998 SITCOM
- 1997 REGARDE LA MER



Entrevista com Romain Duris

Como é que chegou ao projecto de UMA NOVA AMIGA?

O François Ozon telefonou-me e disse que queria falar comigo a propósito de um papel. “Acho que vais gostar porque ouvi dizer que querias interpretar uma mulher.” E isso é verdade. Desde pequeno que queria interpretar uma mulher, desde que a minha irmã mais velha me vestia como uma rapariga para jantar com a família ou amigos dos meus pais. Eu era a boneca dela e adorava. Talvez o simples prazer de ser uma rapariga era já uma forma de ser actor nessa altura!

O que o atraiu na história?

Adorei que a audácia desta transformação fosse motivada pela perda, filtrada pelos olhos da Claire e tornada possível através de sentimentos de amizade, e depois amor. O assunto do travestismo do David para tornar-se Virginia é tratado de uma forma profunda e sensível, não é apenas uma piada para um actor. Adoro a forma como se desencadeia, com o David a dizer à Claire de forma sincera que vestir-se de mulher é uma forma de preencher os instintos maternos que a sua filha está a sofrer. O seu desejo de travestir-se é bonito e consistente com o seu ser; os seus motivos são muito humanos, e generosos.

E os seus motivos tornam-se mais pessoais, ele desfruta da experiência de uma forma muito pura e inocente.

Sim, mesmo quando a Claire o acusa de travestir-se simplesmente para seu próprio prazer, tentei fazê-lo da forma o mais sincera possível, representá-lo sem ironia. Queria que fosse honesto, humano. Não queria confinar a personagem a um problema que fosse muito específico. Queria que o filme dissesse alguma coisa ao maior número de pessoas, que abrisse portas, que levantasse questões sobre género num sentido mais abrangente. Sim, podemos estar atraídos por outro género, e não há nada de errado com isso.

O travestismo, mais do que o tema do filme, é um meio de encarnar a diferença, que se trata de ser ultrapassada através do amor...

Sim, este filme é também uma grande história de amor. O amor não está lá no início da história entre a Claire e o David, mas a morte de Laura, o desejo de travestir-se de David e a relação clandestina que daí decorre fazem eclodir um sentimento para além da amizade. O David não está apaixonado pela Claire, mas a Virginia vai apaixonar-se. O filme mostra que, numa história de amor, pouco importa o género daquele que amamos.

Acha que o final do filme é utópico ou realista?

Eu considero-o totalmente credível, natural. É uma resposta aos resistentes das reivindicações do casamento para todos... Eles podem pensar aquilo que pensam, e fazerem as manifestações que quiserem, mas não podemos ir contra a evolução. A vida está neste movimento de liberdade e de amor.

[...]

Informou-se sobre o travestismo para preparar o seu papel?

O François tinha-me pedido para ver o *Crossdresser* de Chantal Poupaud e o *Bambi* de Sébastien Lifshitz. Esta transexual totalmente assumida é muito emocionante. A sua feminilidade não está unicamente num lado sexual, no desejo, na sedução. Ela é maior do que isso e é interior, de uma forma mesmo maternal. A sua plenitude e doçura inspiraram-me muito para o meu papel. Não tinha vontade de me encontrar com travestis mas, mesmo antes da rodagem, cruzei-me com um na rua e fiquei muito contente. Ela tinha umas belas pernas, e teria podido facilmente ser uma Virginia pela sua forma livre de ser mulher.



E fisicamente, como é que se preparou?

Com a coreógrafa Chris Gandois, trabalhei a minha forma de andar, os meus modos, a forma de utilizar o meu corpo. Levei a cabo este exercício sem falar demasiado com o François. Senti que isso podia causar-lhe medo porque ele queria também a estranheza do David ao transformar-se em Virginia. Mas eu tinha necessidade de uma certa naturalidade. Depois, não iríamos rodar o filme em ordem cronológica: como é que eu faria se, ao fim de cinco dias, rodássemos uma cena do final do filme, onde eu já deveria estar perfeitamente natural como mulher?! Aprendi portanto a andar com saltos altos, a sentar-me à mesa com as pernas cruzadas... foi sobretudo uma questão de naturalidade. Eu sabia que encontrar os bons gestos de Virginia, sem acentuá-los demasiado, permitir-me-ia sentir a personagem e a sua feminilidade, falar com a sua voz, quer fosse mais grave ou mais aguda, pouco importa.

Esta experiência fá-lo hoje encarar a sua profissão de uma forma diferente?

Existem poucas oportunidades para encarnar transformações tão radicais e esta aqui deu-me asas. Hoje em dia, graças à Virginia, tenho menos medo de gastar o meu tempo, viver plenamente as minhas personagens. A Virginia é um dos papéis que mais me marcou. Vou ter saudades dela!

Filmografia seleccionada Romain Duris

2014 UMA NOVA AMIGA
de François Ozon

2012 A ESPUMA DOS DIAS
de Michel Gondry

2005 EM PARIS
de Christophe Honoré

2004 DE TANTO BATER O MEU CORAÇÃO PAROU
de Jacques Audiard

2001 17 FOIS CÉCILE CASSARD
de Christophe Honoré



Entrevista com Anaïs Demoustier

Como é que se deu o encontro com François Ozon?

Desde os primeiros encontros, o François era muito céptico. Ele colocava-se muitas questões sobre a personagem da Claire e a sua idade. Eu passei nos testes, com a directora de casting, que me dava as deixas. E isso não foi muito conclusivo! Felizmente, ensaiámos novamente mais tarde com o Romain e aí, foi genial. É verdadeiramente um filme que se constrói entre duas personagens de sexos diferentes, paradoxalmente. A alquimia foi completamente atingida.

Como é que aprendeu a construir a sua personagem?

No argumento, sabíamos pouca coisa sobre esta jovem mulher que é muito observadora. Eu acredito que as atrizes que recusaram o papel antes de mim foi por pensarem que não tinham nada a acrescentar. Na realidade, elas estavam enganadas! Descobri uma mina de ouro nas coisas não ditas, estes momentos interiores, estes tempos silenciosos por habitar... Quando uma personagem está pouco definida, isso pode ser muito rico: temos muitos segredos em relação ao espectador, às outras personagens, ao realizador...

Reuniu informações sobre os travestis?

Não, eu preferia que isso permanecesse um mistério, um mundo desconhecido, como para a Claire no filme.

Para além do tema do travestismo, UMA NOVA AMIGA conta acima de tudo uma história de amor.

Sim, não é tanto a história de um homem que se veste de mulher mas sim a história de dois seres humanos que tentam amar, abrir-se um ao outro, para além das suas diferenças, e do peso do conformismo e do interdito. Não é um filme militante mas sim um filme que mostra duas personagens que ousam assumir os seus desejos profundos. Acho muito bonito fazer um filme onde se coloca a questão essencial “Amamo-nos? Temos o direito de nos amar?” À partida, dizemos que não é possível, perguntamo-nos o que é que eles os dois fazem juntos! E depois, ao fim de algum tempo, temos vontade que eles se amem. É o primeiro sucesso do filme, sobretudo quando pensamos nos debates sobre o casamento para todos, e na necessidade que as pessoas têm de estigmatizar, de dizer “um pai e uma mãe”, “um homem e uma mulher”... A partir de uma história e de personagens bastante singulares, o filme toma uma envergadura universal e acaba por dizer respeito a todos.

Acha que o final de UMA NOVA AMIGA é utópico ou realista?

Esta imagem do fim é muito forte, com estas três personagens que se afastam de mãos dadas. Isso parece um conto de fadas: “casaram-se e foram felizes para sempre”... No entanto, para mim, é completamente realista! A riqueza do filme é precisamente fazer-nos acreditar naquela qualidade, mostrar-nos que aquele amor não é impossível, que está lá, ao nosso alcance. É preciso apenas aceitar, ouvir os seus desejos, questionar a sua tolerância e quem somos verdadeiramente. É justamente isto tudo que a Claire faz no filme.



Filmografia seleccionada Anaïs Demoustier

2015 A FUBOLOSIA CAPRICE
de Emmanuel Mouret

2014 UMA NOVA AMIGA
de François Ozon

2012 BIRD PEOPLE
de Pascale Ferran

2010 ELAS
de Malgorata Szumowska

2010 AS NEVES DE KILIMANJARO
de Robert Guédiguian

2007 A BELA JUNIE
de Christophe Honoré

2003 O TEMPO DO LOBO
de Michel Haneke

Equipa Artística e Técnica

DAVID e VIRGINIA **Romain Duris**
CLAIRE **Anaïs Demoustier**
GILLES **Raphäel Personnaz**
LAURA **Isild Le Besco**

LIZ **Aurore Clément**
ROBERT **Jean-Claude Bolle Reddat**

EVA CARLTON **Bruno Perard**
NOUNOU **Claudine Chatel**
ENFERMEIRA **Anita Gillier**
AUXILIAR ENFERMAGEM **Alex Fondja**
EMPREGADA DO RESTAURANTE **Zita Hanrot**

REALIZAÇÃO E ARGUMENTO **François Ozon**
Adaptado livremente de *The New Girlfriend*
de Ruth Rendell

PRODUÇÃO **Eric e Nicolas Altmayer**

DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA **Pascal Marti**

CHEFE DECORADOR **Michel Barthelemy**
GUARDA-ROUPA **Pascaline Chavanne**
CHEFE MAQUILHADORA **Gill Robillard**
MONTAGEM **Laure Gardette**
MÚSICA ORIGINAL **Philippe Rombi**
ENGINEIRO DE SOM **Guillaume Sciamia**
MONTADOR DE SOM **Benoît Hillebrant**
MISTURA DE SOM **Jean-Paul Hurier**
DIRECTORA DE CASTING **Antoinette Boulat**
1º ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO **Arnaud Esterez**
CONTINUIDADE **Joëlle Hersant**
DIRECTOR DE PRODUÇÃO **Serge Catoire**
FOTOGRAFIAS DE RODAGEM
Jean- Claude Moireau e Bertrand Calmeau

Frases da Crítica



“Nunca Ozon conseguiu apostar com tanta força e elegância na ambiguidade.”

“Romain Duris, dirigido ao milímetro, permanece na fronteira exacta entre o grotesco e o grandioso.”

Télérama



“Ozon mistura todas estas questões, travestismo, hipóteses sexuais, mudanças de identidade, suspense sentimental, com uma virtuosidade desconcertante.”

Les Inrockuptibles



“A sequência inicial da maravilhosa adaptação de François Ozon do conto de Ruth Rendell, transporta-nos para um microcosmos do que está para vir – um serie de detalhes ritualísticos do acto de vestir, com um toque de humor negro.”

The Guardian

“François Ozon, neste encantador drama com apontamentos de comédia, oferece-nos a sua mais complexa reflexão sobre identidade de género.”

Film Comment

“Em UMA NOVA AMIGA, o sentido de humor diabólico de Hitchcock é evidente nas pequenas surpresas, mas aqui os jogos do mestre do suspense coincidem com a audácia rebelde de Pedro Almodovar.”

“Uma deliciosa fantasia com uma tensão erótica provocadora.”

The New York Times

